

SOBRE MARXISMO OCIDENTAL

Rodrigo Benevides B. G. - UFC¹

Resumo: Em 1955, na obra *As Aventuras da Dialética*, Maurice Merleau-Ponty cunhou o termo “Marxismo Ocidental” para designar determinados intelectuais (e.g., Lukács, Sartre, o próprio Merleau-Ponty, Gramsci, A Escola de Frankfurt, Lefebvre, Althusser, etc.) que alinhavam-se na construção de reações a posições de ordem prática e teórica cristalizadas por um certo marxismo reducionista (em boa parte proveniente da URSS) que não mostrou-se capaz de formular uma articulação aceitável da causalidade circular entre as esferas concreta e fenomenológica da existência humana. Demonstrar os pontos de convergência entre os diversos autores que constituem o que Merleau-Ponty chamou de Marxismo Ocidental é o nosso objetivo.

Palavras-chave: Marxismo. Marxismo Ocidental. Merleau-Ponty.

Abstract: In 1955, on the work *The Adventures of the Dialectic*, Maurice Merleau-Ponty coined the term “Western Marxism” in order to designate certain intellectuals (e.g., Lukács, Sartre, Merleau-Ponty himself, Gramsci, The Frankfurt School, Althusser, etc.) that were aligned on formulating reactions to both practical and theoretical positions crystallized by a certain reductionist marxism (mostly from USSR) that showed itself incapable of delivering an acceptable account of the circular causation between the concrete and the phenomenological realms of human existence. To demonstrate the points of convergence among the several authors that constitute what Merleau-Ponty called Western Marxism is our objective.

Keywords: Marxism. Western Marxism. Merleau-Ponty.

Introdução

Primeiramente, vamos nos ater em demonstrar sucintamente a origem e a confluência de alguns autores do *marxismo ocidental*. Em um segundo momento, argumentaremos que a principal crítica feita pelos marxistas ocidentais, a saber, o repúdio ao caráter mecanicista de um certo aspecto economicista da teoria marxista, na verdade, trata-se de um elemento já contido na obra de Marx e Engels. Com isso, demonstraremos que o marxismo ocidental deve ser entendido menos como uma correção à teoria marxista e mais como uma atualização ou releitura adequada da mesma.

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Linha: Filosofia da Linguagem e do Conhecimento. Orientador: Prof. Dr. Ivanhoé Albuquerque Leal. Email para correspondência: rodrigobenevides23@gmail.com

I.

Um breve resumo do surgimento e da aceitação do conceito de *marxismo ocidental* nos é dado por Andrew Arato e Paul Breines:

Esta denominação adquiriu certa aceitação em 1955 com um ensaio de Maurice Merleau-Ponty que levava esse nome. (...) Com o uso do termo marxismo ocidental, Merleau-Ponty seguia explicitamente o tema que haviam discutido na década de 1920, tanto os críticos soviéticos do livro de Lukács, como o pequeno grupo de seus defensores da esquerda intelectual na Europa. Depois do ensaio de Merleau-Ponty, o significado do termo se ampliou até referir-se, de maneira geral, a uma corrente da teoria marxista que começou com Lukács² e seus contemporâneos, Karl Korsch e Antonio Gramsci, que chegou até a obra de Herbert Marcuse e outros relacionados com a Escola de Frankfurt, que influenciaram Merleau-Ponty, Jean-Paul Sartre e outros “marxistas existenciais” franceses, e que finalmente alcançou alguns segmentos da Nova esquerda na década dos 60. (ARATO E BREINES, 1986, p.11)

Um exemplo daquilo que Merleau-Ponty chamou de *marxismo ocidental* é a aceitação de György Lukács do argumento desenvolvido por Max Weber em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo (1904)* sobre a inversão da causalidade entre ideologia calvinista e modo de produção capitalista, ou seja, a não aceitação de uma completa determinação econômica unilateral na constituição psíquica do indivíduo e da ideologia proveniente do conjunto de práticas adotadas pela comunidade a qual ele se insere. Em outras palavras, Weber, como se sabe, demonstra que a ideologia ascética que constitui o espírito calvinista não é produto de um sistema econômico que induz o indivíduo a acumular incessantemente recursos para serem usados posteriormente na forma de capital mas, ao contrário, na verdade - pelo menos neste contexto específico tratado por Weber - podemos perceber aí o primado da consciência em relação às condições materiais ou, em termos marxistas, um deslocamento da infraestrutura para a superestrutura da causalidade constituinte da realidade³. Outro exemplo que ilustra o antieconomicismo característico do marxismo ocidental pode ser visto no conceito de *Sobredeterminação*, originalmente formulado (para outros fins) por Sigmund Freud em *A Interpretação dos Sonhos (1899)*. Usado por Louis Althusser para demonstrar não

² É lugar comum tomar a publicação da obra *História e Consciência de Classe (1923)* como o marco fundante do marxismo ocidental. O ensaio mencionado de Merleau-Ponty, por sinal, caracteriza-se primordialmente como uma longa análise dos pontos centrais desta obra.

³ Invertendo assim a formulação clássica que diz que “Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência” (MARX, 2008, p.47).

só as múltiplas causalidades que formam a teia de eventos anteriores necessários à emergência de determinado evento (individual ou social), o conceito de sobredeterminação atesta, ainda, o fato de que certos acontecimentos florescem mesmo quando retira-se certas causas anteriores ao efeito. Em outras palavras, há uma sobredeterminação quando um efeito surge a partir de duas ou mais causas que, individualmente, já seriam suficientes para a efetivação deste mesmo efeito. Dito de outro modo, um efeito X sobredeterminado pelas causas Y e Z poderia muito bem ser desencadeado de forma igual mesmo se, por exemplo, a causa Z não estivesse incorporada. Outro exemplo ainda que ilustra a abordagem teórica proveniente do marxismo ocidental pode ser observado na defesa - elaborada principalmente pelo Existencialismo Francês e pela Escola de Frankfurt - do papel ativo do indivíduo em relação às estruturas. Influenciados principalmente pela psicanálise freudiana e, no caso de Sartre e Merleau-Ponty, pelo existencialismo de Kierkegaard, Dostoiévski, Gabriel Marcel e Heidegger, pela fenomenologia de Husserl e também pelas pesquisas provenientes da *Gestalttheorie*, tanto os existencialistas franceses, como os frankfurtianos, defendiam uma noção de subjetividade que estivesse para além da simples determinação estrutural do modo de produção ao qual o indivíduo encontra-se. Demonstrando a necessidade de se pensar a história do indivíduo incorporando ao marxismo os insights desenvolvidos pela (na época) nova ciência da psicologia, boa parte dos marxistas ocidentais não só integraram ao quadro teórico marxista aquilo desenvolvido pela psicologia em suas diversas tradições (psicanálise, *gestalttheorie*, etc.), como também incorporaram as necessidades psicofisiológicas do indivíduo na formulação de bandeiras a serem levantadas para a concretização de uma revolução que de fato levasse a cabo uma transformação social definitiva⁴. Outro filósofo associado a Escola de Frankfurt, Walter Benjamin, também serve-nos como ainda mais um exemplo ao formular suas *Teses sobre a Filosofia da História*, quando repudiou o aspecto teleológico que perpassa a filosofia marxista da história, afastando-a de resquícios messiânicos. Além da crítica antiteleológica, o marxismo ocidental - agora na figura de Merleau-Ponty - ultrapassou

⁴ Estamos nos referindo aqui, obviamente, à obra de Herbert Marcuse - especialmente *Eros e Civilização* (1955) - na qual Marcuse tenta sintetizar os pensamentos de Freud e Marx ao defender a necessidade de uma revolução que consiga ultrapassar os limites da ordem burguesa que instituiu uma sociedade repressiva não só em relação às condições de trabalho, como também às relações sexuais, introduzindo assim, na tradição marxista ocidental, o conceito de Mais-Repressão. Freud, como se sabe, possuía uma visão profundamente pessimista quanto a qualquer resolução entre o conflito do Princípio de Realidade e o Princípio de Prazer. Marcuse, por sua vez, seguindo a tradição marxista, conseguiu vislumbrar uma síntese resolutiva entre a necessária repressão dos instintos sexuais para uma devida efetivação da organização social e um estágio de desenvolvimento superior (o comunismo) que possibilitaria não só uma libertação do trabalho alienado, como também da sexualidade reprimida (Ver MARCUSE, 1975).

também qualquer tipo de etapismo em uma filosofia da história. O fenomenólogo francês nos diz que:

Nada permite alguém afirmar que esta transição é necessária, de que o capitalismo está contido dentro de sociedades pré-capitalistas como seu futuro inevitável, ou que o próprio capitalismo possui em si tudo o que foi precedido nos mais diferentes graus, ou, finalmente, que toda sociedade, para ir além do capitalismo, precise inevitavelmente passar por uma fase capitalista. Todas estas concepções de desenvolvimento são mecânicas.⁵ (MERLEAU-PONTY, 1973, p.37, tradução nossa)

Porém, pode-se argumentar (e é isso o que Merleau-Ponty faz) que o marxismo ocidental é menos uma renovação teórica original do marxismo e mais uma atualização ou correção de leituras equivocadas e seletivas de certos trechos das obras de Marx e Engels. Desse modo, a próxima parte de nosso trabalho pretende demonstrar que o materialismo histórico não pode ser acusado de economicismo pois isso negaria seu caráter dialético que pressupõe os diferentes níveis de causalidade na efetivação de uma causa.

II.

Provavelmente, a melhor resposta à acusação de economicismo é dada por Engels em sua conhecida carta a J. Bloch:

Sem conseguir passar pelo papel de ridículo, seria algo difícil de alguém explicar, em termos puramente econômicos, a existência de cada pequeno Estado na Alemanha, do passado e do presente [...] de acordo com a concepção materialista da história, o elemento determinante na história, *em última instância*, é a produção e a reprodução da vida concreta. Para além disso, nem eu, nem Marx afirmamos nada. Se, a partir disso, alguém distorce isto ao dizer que o elemento econômico é o *único* determinante, transforma-se esta proposição em uma frase vazia, abstrata e sem sentido. A situação econômica é a base, mas os vários elementos da superestrutura - formas políticas de luta de classes e seus resultados, a saber: constituições estabelecidas pela classe vitoriosa após uma batalha bem sucedida, etc., formas jurídicas, e mesmo os reflexos de todas esses conflitos nas mentes dos participantes, teorias jurídicas, políticas, filosóficas, visões religiosas e seus desenvolvimentos posteriores em sistemas dogmáticos - também exercem sua influência sobre o curso dos conflitos históricos e, em muitos casos, determinam sua *forma* de maneira preponderante. Há uma interação de todos esses elementos entre os quais há um número X de acidentes (isto é,

⁵“Nothing permits one to say that this transition is necessary, that capitalism is contained within precapitalism as its inevitable future, or that it contains to any great degree all that has preceded it, or, finally, that any society, to go beyond capitalism, must inevitably pass through a capitalistic phase. All these conceptions of development are mechanical”.

coisas e eventos de conexão tão remota, ou mesmo impossível, de provar que podemos tomá-los como não-existentes ou negligenciá-los em nossa análise), mas que o movimento econômico se assenta finalmente como necessário. Do contrário, a aplicação da teoria a qualquer período da história que seja selecionado seria mais fácil do que uma simples equação de primeiro grau. Quem faz a história somos nós mesmos, mas, em primeiro lugar, a fazemos sob condições e suposições bem definidas. Dentre elas, as condições econômicas são, em última instância, decisivas. Porém, as condições políticas, etc., e, de fato, até mesmo as tradições que assombram as mentes humanas desempenham seu papel, mas não de modo decisivo. O Estado Prussiano [Por ex.] surgiu e desenvolveu-se a partir de causas históricas e, em última instância, econômicas⁶. (ENGELS, 1890, tradução nossa)

Note-se que, apesar de negar a afirmação da base econômica como sendo a única determinante do curso de eventos da história, Engels continua a defender que deve-se tomá-la como fator decisivo. Portanto, mesmo em argumentações como a citada anteriormente, deve-se admitir, então, que o materialismo histórico **pressupõe** uma *redução explicativa* econômica. Entretanto, não devemos ver nessa assunção marxista de um certo reducionismo econômico um aspecto empobrecedor de seu quadro teórico. Deveríamos, para começar, nos perguntar se realmente todo reducionismo deve ser rejeitado *a priori*, pois “se tudo dependesse realmente de tudo, tanto no organismo quanto na natureza, não haveria nem leis nem ciência” (MERLEAU-PONTY, 2006, 63). Portanto, não é o caso de nos apoiarmos invariavelmente em concepções holísticas na elaboração de explicações da causalidade do real. As múltiplas determinações que servem dialeticamente como componentes no florescimento de determinados efeitos podem, em muitos casos, serem reduzidas a certos aspectos sem que isso signifique que uma explicação simplista esteja sendo adotada. Esta

⁶ “Without making oneself ridiculous it would be a difficult thing to explain in terms of economics the existence of every small state in Germany, past and present [...] according to the materialist conception of history, the *ultimately* determining element in history is the production and reproduction of real life. Other than this neither Marx nor I have ever asserted. Hence if somebody twists this into saying that the economic element is the *only* determining one, he transforms that proposition into a meaningless, abstract, senseless phrase. The economic situation is the basis, but the various elements of the superstructure — political forms of the class struggle and its results, to wit: constitutions established by the victorious class after a successful battle, etc., juridical forms, and even the reflexes of all these actual struggles in the brains of the participants, political, juristic, philosophical theories, religious views and their further development into systems of dogmas — also exercise their influence upon the course of the historical struggles and in many cases preponderate in determining their *form*. There is an interaction of all these elements in which, amid all the endless host of accidents (that is, of things and events whose inner interconnection is so remote or so impossible of proof that we can regard it as non-existent, as negligible), the economic movement finally asserts itself as necessary. Otherwise the application of the theory to any period of history would be easier than the solution of a simple equation of the first degree [...] We make our history ourselves, but, in the first place, under very definite assumptions and conditions. Among these the economic ones are ultimately decisive. But the political ones, etc., and indeed even the traditions which haunt human minds also play a part, although not the decisive one. The Prussian state also arose and developed from historical, ultimately economic, causes”.

pequena digressão nos parece necessária pois, geralmente, o termo “reducionismo” é visto como uma ofensa dentro das ciências humanas. Além disso, o constante uso indevido de determinados conceitos é um empecilho no avanço das ciências humanas e muitas vezes a simples entoação do termo “reducionismo” é o suficiente para afastar leitores desavisados⁷. Ao debruçar-se sobre o trabalho de um jornalista francês - Thierry Maulnier - que via no materialismo histórico uma teoria excessivamente reducionista, Merleau-Ponty responde:

A crítica de Thierry Maulnier é menos sobre o marxismo em si do que sobre visões correntes dele ou sobre certas fórmulas que são autenticamente marxistas, porém, que acabam por esquematizar a doutrina. O marxismo é geralmente apresentado como uma *redução* do fenômeno cultural ao fenômeno econômico, ou como uma redução da história a *conflitos de interesses*. Marxistas geralmente falam da burguesia como um “personagem econômico” que sempre age visando seus próprios interesses e para o qual idéias e crenças são apenas meios. Entretanto, a verdade é que estas interpretações e fórmulas mantêm-se injustas ao marxismo e talvez percam a sua intuição central. A grandeza do marxismo reside não em ter tratado a base econômica como a única ou principal causa da história, mas em tratar a história cultural e a história econômica como dois aspectos abstratos de um único processo [...] A vida econômica não é uma ordem separada da qual as outras ordens podem ser reduzidas [...] A interpretação marxista da história não a reduz ao jogo de interesses conscientes; Ela simplesmente admite que toda ideologia - mesmo, por exemplo, a moralidade do heroísmo que prescreve que são os homens que deveriam arriscar suas vidas - está conectada com certas situações econômicas pelas quais elas vêm a existir [...] O materialismo marxista consiste em admitir que o fenômeno da civilização e conceitos de direitos possuem uma *ancoragem histórica* em fenômenos econômicos [...] Mais certamente do que em livros ou ensinamentos, os modos de trabalho das gerações anteriores passam os modos de existência para as gerações posteriores. É verdade que, em uma determinada sociedade, em um dado momento, a maneira de trabalhar expressa as estruturas morais e mentais assim como o menor dos reflexos

⁷Para uma interessante discussão sobre o uso de esquemas explicativos de caráter reducionista-não-simplório, ver Daniel Dennett - Darwin's Dangerous Idea (1995). Nesta obra, como o título sugere, Dennett aborda, no âmbito da filosofia da biologia, o uso de um “bom” reducionismo em contraposição a um reducionismo “ávido” (Good Reductionism x Greedy Reductionism, 1995). Grosso modo, um bom reducionismo tenta formular uma explicação do todo a partir de certas partes - ou de alguma específica - sem que, nesse ínterim, o papel das restantes sejam desprezados. Um reducionismo ávido, por sua vez, nos diz que “em sua ânsia por uma barganha, em sua preocupação em explicar demais e explicar depressa, cientistas e filósofos [...] subestimam as complexidades, tentando pular camadas inteiras ou níveis de teoria na pressa de agilizar tudo de forma segura e organizada à fundação” (“in their eagerness for a bargain, in their zeal to explain too much too fast, scientists and philosophers ... underestimate the complexities, trying to skip whole layers or levels of theory in their rush to fasten everything securely and neatly to the foundation.”) (DENNETT, 1995, p.82). Como está claro na nossa proposta de trabalho, o materialismo histórico - dentro da perspectiva de Dennett - pode ser enquadrado como um “bom” reducionismo, pois, ao apontar a base econômica como a camada fundante do complexo social e, ao mesmo tempo, não tomá-la como a única camada detentora de força causal, Marx e Engels conseguiram estabelecer uma teoria explicativa que reduz uma explicação a determinado nível do real sem tomá-lo como único fator preponderante em todas as situações.

expressa a totalidade fundamental da maneira de ser-no-mundo do sujeito. Mas a vida econômica é ao mesmo tempo a portadora histórica de estruturas mentais, assim como o nosso corpo mantém suas características principais do nosso comportamento em seus mais variados humores; e essa é a razão pela qual é mais certo que alguém irá conhecer a essência de uma sociedade pela análise das relações interpessoais assim como elas foram fixadas e generalizadas na vida econômica do que pela análise dos movimentos de idéias frágeis e fugazes - do mesmo modo que alguém possui uma idéia melhor de um homem a partir de sua conduta do que pelos seus pensamentos.⁸ (MERLEAU-PONTY, 1964, 107-108, tradução nossa)

Até aqui podemos ver uma convergência nas definições do materialismo histórico provenientes de Engels e de Merleau-Ponty, ou seja, a base econômica de fato possui um papel fundamental na constituição da ideologia dominante e, conseqüentemente, da maneira como os eventos de um dado momento histórico vão decorrer, entretanto, ambos afirmam que a redução econômica da explicação de qualquer evento é simplesmente uma deturpação da teoria marxista, conduzindo-nos à formulações simplistas e explicações insuficientes da realidade fenomenológica constituinte da superestrutura⁹. Mas ainda nos resta tentar entender

⁸“Thierry Maulnier’s criticism was less telling against marxism itself than against current accounts of it or against certain formulas which are authentically Marxist but which schematize the doctrine. Marxism is often presented as a *reduction* of cultural phenomena to economic phenomena, or as a reduction of history to *conflict of interest*. Marxists often speak of the bourgeoisie as of an “economic personage” who always acts with a view to his own interests and for whom ideas and beliefs are only means. It is nonetheless true that these interpretations and formulas remain unequal to Marxism and perhaps miss its central intuition. The greatness of Marxism lies not in its having treated economics as the principal or unique causa of history but in its treating cultural history and economic history as two abstract aspects of a single process. [...] Economic life is not a separate order to which the other orders may be reduced [...] The marxist interpretation of history does not reduce it to the conscious play of interests; it simply admits that all ideologies - even, for example, a morality of heroism which prescribes that men should risk their lives - are bound up with certain economic situations through which they come into existence [...] Marxist materialism consists in admitting that the phenomena of civilization and concepts of rights have *historical anchorage* in economic phenomena [...] More surely than books or teachings, modes of work hand the previous generations' ways of being on to the new generations. It is true that, in a given society, at a given moment, the way of working expresses the mental and moral structure just as a living body's slightest reflex expresses the total subject's fundamental way of being in the world. But economic life is at the same time the historical carrier of mental structures, just as our body maintains the basic features of our behavior beneath our varying moods; and this is the reason one will more surely get to know the essence of a society by analyzing interpersonal relations as they have been fixed and generalized in economic life than through an analysis of the movements of fragile, fleeting ideas-just as one gets a better idea of a man from his conduct than from his thoughts”

⁹Um outro exemplo de uma formulação dialética/não-mecanicista do materialismo histórico de Marx e Engels (convergente com a noção antiteológica de Walter Benjamin comentada anteriormente) pode ser encontrada na obra do economista Ernest Mandel ao defender a noção de Determinismo Paramétrico. Esta noção foi introduzida por Mandel em um artigo crítico ao marxismo analítico de Jon Elster escrito em 1989: “Determinismo dialético, em oposição ao determinismo mecânico ou lógico-formal, é também determinismo paramétrico; este determinismo permite a aderência do materialismo histórico no entendimento do verdadeiro lugar da ação humana na maneira pela qual o processo histórico se desdobra e pela maneira pela qual o resultado de crises sociais são decididas. Homens e Mulheres de fato fazem sua própria história. O resultado de suas ações não é pré-determinado mecanicamente. A maioria, talvez todas, das crises históricas possuem diversas possibilidades de resultado [...] é por esta razão que nós usamos a expressão ‘determinismo paramétrico’

o porquê de haver até hoje interpretações economicistas do marxismo. Tomemos apenas um exemplo, já clássico, onde é possível observar uma espécie de esquematização por parte de Marx do materialismo histórico, abrindo caminho para a efetivação de interpretações que nos podem levar a um reducionismo econômico exacerbado ou ávido:

Minhas investigações me conduziram ao seguinte resultado: as relações jurídicas, bem como as formas do Estado, não podem ser explicadas por si mesmas, nem pela chamada evolução geral do espírito humano; essas relações têm, ao contrário, suas raízes nas condições materiais de existência, em suas totalidades, condições estas que Hegel, a exemplo dos ingleses e dos franceses do século 18, compreendia sob o nome de "sociedade civil". Cheguei também à conclusão de que a anatomia da sociedade burguesa deve ser procurada na Economia Política. [...] O resultado geral a que cheguei e que, uma vez obtido, serviu-me de guia para meus estudos, pode ser formulado, resumidamente, assim: na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade; essas relações de produção correspondem a um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência. [...] Do mesmo modo que não se julga o indivíduo pela ideia que de si mesmo faz, tampouco se pode julgar uma tal época de transformações pela consciência que ela tem de si mesma. É preciso, ao contrário, explicar essa consciência pelas contradições da vida material, pelo conflito que existe entre as forças produtivas sociais e as relações de produção; (MARX, 2008, p.47-48)

Esta passagem - já discutida em exaustão pela literatura marxista - nos é importante para o propósito deste trabalho, pois consegue ilustrar bem, como dissemos, a possibilidade de se extrair uma leitura excessivamente reducionista do materialismo histórico. Note-se que, de maneira geral, esta passagem exprime bem a essência do que significa o materialismo histórico, mas, ao tomarmos certas frases isoladas, podemos entender o porquê da existência de críticas e reducionismos ávidos do materialismo marxista. Por exemplo, quando Marx diz

indicando as diversas possibilidades dentro de um conjunto de possibilidades” (MANDEL, 1989, p.105-132 tradução nossa). (“Dialectical determinism as opposed to mechanical, or formal-logical determinism, is also parametric determinism; it permits the adherent of historical materialism to understand the real place of human action in the way the historical process unfolds and the way the outcome of social crises is decided. Men and women indeed make their own history. The outcome of their actions is not mechanically predetermined. Most, if not all, historical crises have *several possible outcomes* [...] that is why we use the expression ‘parametric determinism’ indicating several possibilities within a given set of parameters”).

que nenhuma relação jurídica ou que nenhuma forma de Estado “podem ser explicadas por si mesmas” (ibid.), a atitude natural seria a de apontar determinadas ocorrências na esfera jurídica que, de fato, não dependem de uma mudança do modo ou das relações de produção. Muitos avanços no âmbito do direito podem sim ser tomados como “uma evolução geral do espírito humano” (ibid.). É fato que qualquer espírito humano primeiramente deve possuir uma existência concreta fundada em um modo de produção específico que permite-o, então, debruçar-se sobre questões de ordem ideológica. Entretanto, não podemos sempre procurar no âmbito econômico a razão para o surgimento de determinada tendência jurídica ou, digamos, estética na sociedade mas, ao mesmo tempo, deve-se lembrar que ambas estão fundadas em relações de produção que, invariavelmente, constituem as relações interpessoais das quais estas mesmas tendências jurídicas ou estéticas são provenientes. O campo da arte é uma esfera interessante para demonstrarmos o quão distante certos aspectos da superestrutura estão da infraestrutura: De que maneira a relação capital-trabalho estaria envolvida na explicação do surgimento do sistema de organização da escala cromática do dodecafonismo de Schoenberg, onde as 12 notas são organizadas de forma equivalente?¹⁰ Como a extração da mais-valia da classe proletária efetuada pela burguesia estaria relacionada ao surgimento e apreço por estilo X ou Y de composição ou de cinema? É claro que muitas relações podem facilmente e acertadamente explicar a apreciação estética de um sujeito com sua posição dentro da totalidade de relações de produção, mas, nem sempre um indivíduo atinge uma satisfação estética ao experimentar a música ou a literatura proveniente do modo de ser de sua classe. Nem sempre um movimento artístico possui relações diretas com questões de ordem econômica. A arte, muitas vezes, caminha com as próprias pernas, avançando com experimentações da forma independentes de uma relação direta com mudanças no modo de produção. É fácil para nós imaginarmos uma sociedade comunista avançada que consiga traçar o desenvolvimento das mais variadas tendências estéticas como expressões - até certo ponto - isoladas da história econômica. A ciência e a filosofia são outros campos que nos parecem ser autônomos o suficiente para justificar a ressalva a determinadas formulações, digamos, “descuidadas” do materialismo histórico. Estamos em total acordo com Marx quando este nos diz que todo fenômeno possui “suas raízes nas condições materiais de

¹⁰ Por outro lado, temos o exemplo do artista futurista italiano Luigi Russolo que, em 1913, lançou o manifesto estético *L'Arte dei Rumori* (A arte de Ruídos), onde defendia que, a partir da Revolução Industrial, a experiência estética do homem teria ampliado-se, abrindo assim, espaço para a apreciação de ruídos e dissonâncias como componentes estéticos na composição musical.

existência, em suas totalidades” (ibid.), é óbvio que todo fenômeno pode ser traçado em sua origem como um reflexo das condições materiais de reprodução da vida. A produção material de nossa existência é, de fato, o primeiro ato histórico. Porém, do mesmo modo que não podemos explicar o desenvolvimento de, por exemplo, uma revolução a partir do surgimento da primeira célula auto-replicadora (apesar de estarmos atados a ela por conta de sermos um produto da evolução natural, fazendo do exemplo da revolução mais um ponto da cadeia causal iniciada pela primeira célula), não podemos, igualmente, explicar todo desenvolvimento científico ou filosófico como mero reflexo causal das condições materiais da sociedade em determinado momento de sua evolução econômica. Como também não podemos - como foi dito anteriormente em passagem de Merleau-Ponty - pensar a história de tal modo mecânico que o simples desenvolvimento de forças produtivas seria o fator necessário para o florescimento de novas relações de produção que, por sua vez, serviriam como ponto de ebulição para o desencadear de revoluções de caráter proletário. Nem mesmo estamos em completo acordo com a visão que defende a classe proletária como classe emancipadora universal. É óbvio que uma revolução comunista é, necessariamente, uma revolução a nível internacional e isso inclui, obviamente, a mobilização da classe proletária, mas isso não quer dizer que aqui estamos a defender que somente ela - por, de fato, estar na posição da classe que sofre a “injustiça por excelência” (MARX, 2005, p.156) - venha a ser a única classe que pode vir a levantar a bandeira da emancipação universal. Que fique claro: é fato que uma revolução socialista só será efetivada com o apoio e a direção majoritária da classe proletária (enquanto houver capitalismo, a emancipação humana terá sempre a filosofia como “cabeça” e o proletariado como o “seu coração” (ibid., p.157)), mas isso não significa que somente ela possua aquilo necessário para incitar e levar a cabo uma revolução, pois, uma teoria revolucionária “é efetivada num povo na medida em que é a efetivação de suas necessidades” (ibid., p.152), portanto, é inegável (como a história já mostrou) a influência determinante de segmentos e indivíduos de diferentes classes na construção de uma transição socialista já que Marx afirma que “Só em nome dos interesses universais da sociedade é que uma classe particular pode reivindicar o domínio universal” (ibid., p.154). A classe particular referida anteriormente é, obviamente, o proletariado, mas, como dissemos anteriormente, um materialismo histórico consoante com os princípios dialéticos sabe da transitoriedade intrínseca à realidade humana e, partindo desta premissa, podemos afirmar a possibilidade de uma reformulação teórica que não perca de vista as bases fundantes do materialismo dialético

e que, ao mesmo tempo, consiga abarcar as mais variadas diversificações de lutas e ramificações de classes. Em suma, nosso trabalho representa mais um esforço dentro do quadro conceitual do marxismo ocidental que, longe de romper com o materialismo histórico e desembocar em lutas e construções teóricas meramente pontuais de caráter pós-moderno, defende a constante atualização e renovação do marxismo afirmando a primazia da esfera econômica como objetivo final de transformação por esta justamente ser a esfera causal preponderante na determinação psíquica dos indivíduos. Em outras palavras:

A discussão do Marxismo tem sido longamente conduzida como se fosse uma questão de designar a *causa* da história, como se em cada evento deveria haver uma causalidade linear com outro evento, sobre o qual deveríamos, então, determinar se foi “econômico” ou “ideológico”, e o Marxismo foi tomado como ultrapassado quando apontava-se exemplos de causalidade “ideológica”. Mas o argumento segue sem dizer que a ideologia por sua vez não pode ser separada de seu contexto econômico. Se uma história materialista é rejeitada por ser abstrata, então uma história idealista ou espiritualista deve ser rejeitada pelas mesmas premissas. Concluir-se-á então que cada evento ocasiona todas as ordens de determinantes, e haverá aqueles que acreditarão que esta posição os leva além do Marxismo, por não excluírem nenhuma perspectiva. Não percebem que é precisamente esta ideia, de que nada pode ser isolado da totalidade do contexto da história, que encontra-se no coração do Marxismo¹¹ (MERLEAU-PONTY, 1964, p.112, tradução nossa)

Conclusão

Nosso objetivo aqui foi o de expor o principal ponto de discussão que perpassa aquilo que hoje denomina-se de marxismo ocidental, a saber, a relação causal entre infraestrutura e superestrutura e de que forma uma perspectiva não-mecanicista e antitelológica da história nos serve como uma leitura adequada da causalidade circular defendida pelo materialismo dialético marxista.

BIBLIOGRAFIA

¹¹“The discussion of Marxism has long been conducted as if it were a question of assigning the *cause* of history and as if each event had to have a relationship of linear causality with another event, about which it then had to be determined whether it was "economic" or "ideological," and Marxism was thought vanquished when one pointed to examples of "ideological" causality. But it goes without saying that the ideology in turn cannot be separated from its economic context. If a materialistic history is rejected for being abstract, then an idealistic or spiritualistic history should be rejected on the same grounds. One will then conclude that each event entails all orders of determinants, and there are some who still believe that this slant gets them beyond Marxism, since no perspective is absolutely excluded. They do not see that it is precisely this idea, that nothing can be isolated in the total context of history, which lies at the heart of Marxism”

ARATO, Andrew; BREINES, Paul. El joven Lukács y los orígenes del Marxismo Occidental. **México: FCE, 1986.**

DENNETT, Daniel. Darwin's Dangerous Idea. **New York, 1995. Touchstone**

ENGELS, Friedrich. Engels to Bloch. **Disponível em:**
https://www.marxists.org/archive/marx/works/1890/letters/90_09_21.htm

MANDEL, Ernest. How To Make No Sense of Marx (1989) **in: Analyzing Marxism. New essays on Analytical Marxism, edited by Robert Ware & Kai Nielsen, Canadian Journal of Philosophy, Supplementary Volume 15, 1989, The University of Calgary Press.**
Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/mandel/1989/xx/nosense.htm>

MARCUSE, Herbert. Eros e Civilização. **Rio de Janeiro, 1975. Zahara Editores**

MARX, Karl. Contribuição à Crítica da Economia Política. **São Paulo, 2008. Expressão Popular**

_____. Crítica da filosofia do direito de Hegel. **São Paulo, 2005. Boitempo Editorial**

MERLEAU-PONTY, Maurice. The Adventures of the Dialectics. **Evanston, 1973. Northwestern University Press.**

_____. A Estrutura do Comportamento. **São Paulo, 2006. Martins Fontes.**

_____. Sense and Non-Sense. **Evanston, 1964. Northwestern University Press**